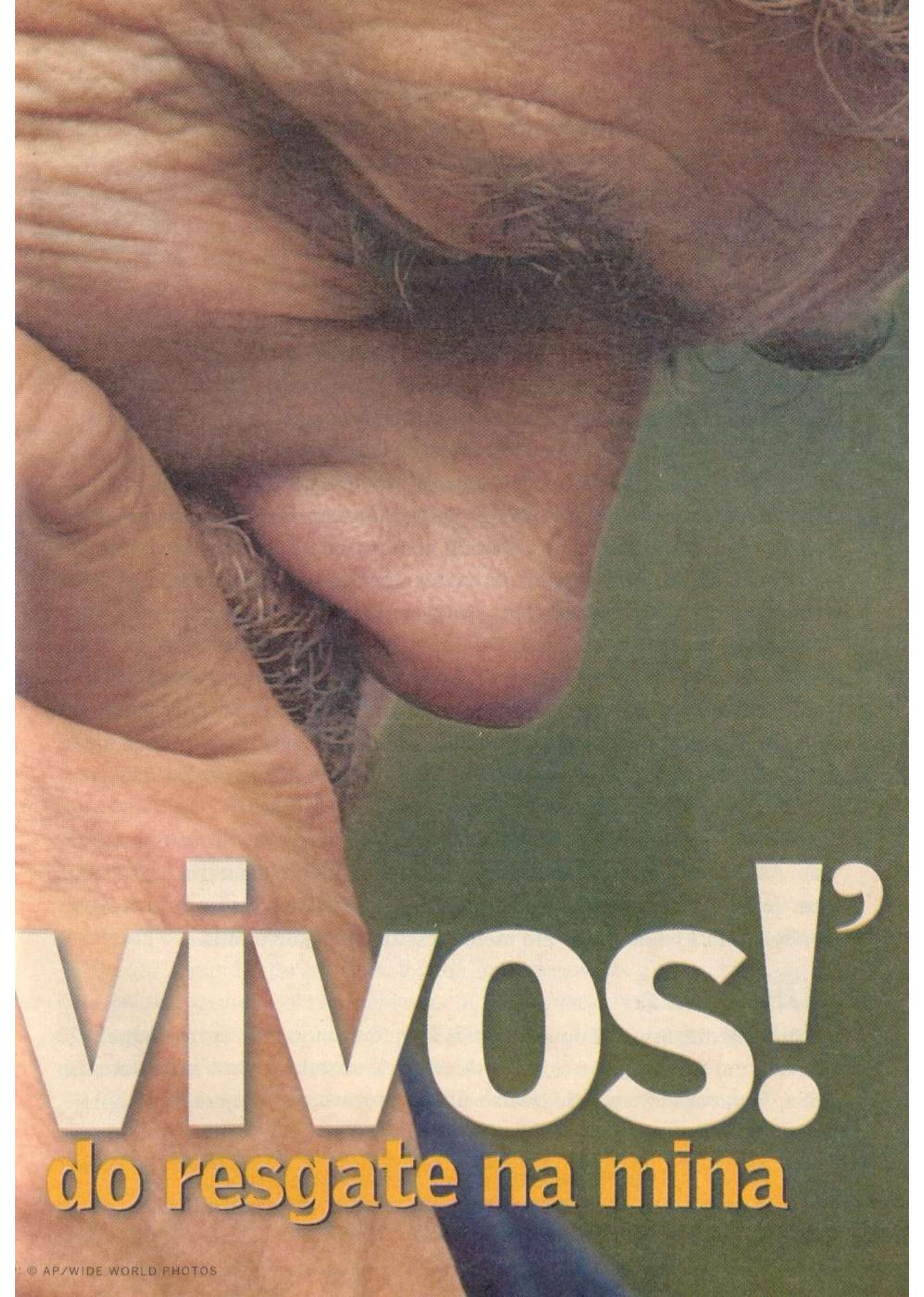


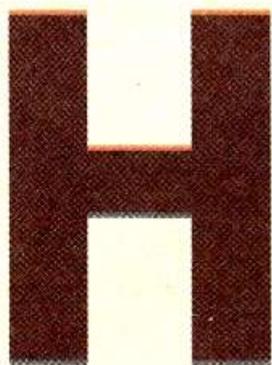
REPORTAGEM ESPECIAL

“Nove”

Os bastidores



vivos!
do resgate na mina



Á MILHARES DE ANOS, sinuosas faixas de carvão betuminoso se estendem sob vales e montes do Condado de Somerset, na Pensilvânia. Esse carvão atraiu imigrantes para o local no século 19, conferindo-lhes a reputação de trabalhadores infatigáveis. Durante várias gerações, os homens ganharam seu sustento – e muitas vezes perderam a vida – nos confins escuros das minas.

Com a marmita na mão, três turnos de mineiros comparecem diariamente a uma dessas minas, a Quecreek, e descem mais de 60 metros sob uma fazenda de gado para cumprir as oito horas de trabalho. Na quarta-feira, 24 de julho de 2002, os 18 homens do turno das 15 às 23 horas se reuniram na entrada, às 14h30. Dividiram-se em dois grupos de nove, um que seguiria em linha reta para o sul e outro que tomaria a esquerda e começaria a escavar o lado leste. Os nove homens que seguiriam para o leste vestiram o uniforme: roupa de baixo térmica, camisa de flanela, macacão azul, botas de borracha com biqueira de aço, joelheiras e capacete.

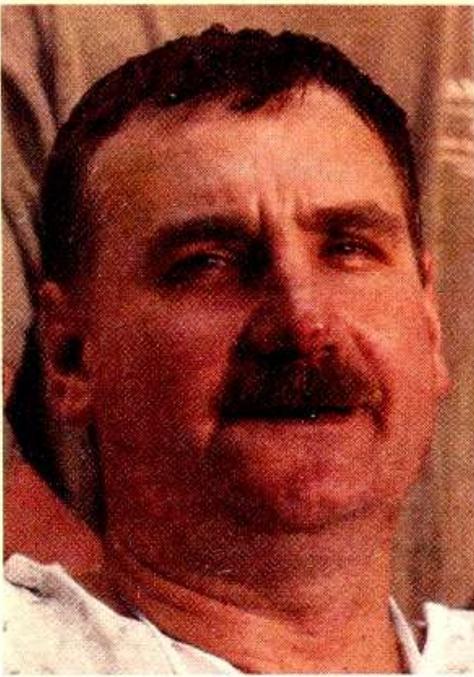
O chefe da equipe era Randy Fogle, 43 anos, que morava com a mulher e dois de seus filhos na Fogletown Road. Filho e neto de mineiros, Fogle havia trabalhado em minas durante a maior parte de sua vida. Adorava escavar o carvão – não que o trabalho não fosse estressante; havia anos sofria de azia crônica – e gostava daquela equipe por ser eficiente, esperata e flexível. Os rapazes o chamavam de “Chefe”.

Às 14h45, os mineiros trocaram saudações com o pessoal do turno que saía. Às 15 horas, os nove subiram no carrinho movido a bateria para a viagem de meia hora que os levaria até o veio de carvão, descendo o correspondente a 25 pavimentos em meio à escuridão fria e úmida.

TORRENTE

Naquele dia, Randy Fogle, Thomas Foy, 52 anos, e dois outros mineiros começaram a aparafusar as vigas de aço que sustentariam o novo teto da mina. Foy, casado e pai de quatro filhas, adorava caçar e era fã de corridas da Nascar.

REPORTAGEM E TEXTO CAROLINE ABELS, BOB BATZ JR., MICHAEL A. FUOCO, TOM GIBB, JOHN HAYES, L.A. JOHNSON, CINDI LASH, STEVE LEVIN, JIM MCKAY, JOHNN A. PRO, MILAN SIMONICH, ANITA SRIKAMESWARAN



Randy Fogle procurou elevar o ânimo do grupo por meio de orações. "Todos rezamos muito."

Robert Pugh, 50 anos, e Dennis Hall, 49, levavam o carvão em carros até a correia transportadora. Harry Blaine Mayhugh Jr., 31 anos, o mais novo do grupo, operava a pá carregadeira, veículo motorizado dotado de uma concha que coletava o carvão extraído e o despejava na correia, a fim de que fosse conduzido para fora da mina. Mayhugh era casado com Leslie, uma das filhas de Thomas Foy.

Na primeira metade do turno de trabalho, John Phillippi operou o minerador contínuo, máquina com um cilindro de cerca de três metros de largura com 100 dentes de aço para quebrar o veio e extrair o carvão. Depois, Mark Popernack, 41 anos, magro e de cabelos pretos

penteados para trás, assumiu o comando.

Popernack estava trabalhando próximo à sexta das sete passagens abertas na mina. Pouco antes das 21 horas, duas antes do fim do turno, a rotina se transformou em caos. A máquina escavou uma parede que supostamente teria dezenas de metros de espessura. De repente, a parede cedeu, liberando 200 milhões de litros de água subterrânea na Quecreek. Mapas imprecisos haviam levado os homens a acreditar que se encontravam longe da mina Saxman, já abandonada.

"Saiam todos!", gritou Foy. "Atingimos uma seção antiga. Tem muita água!" Ron Hileman e John Unger estavam a cerca de 30 metros de distância, numa galeria transversal. Os equipamentos e a proteção de ouvido abafaram o barulho da torrente e o grito de Foy. Mas eles viram a água.

Em um segundo, talvez dois, a água que jorrava da abertura explodiu pela parede, caindo sobre a máquina de Popernack. "Dennis! Saia daqui! Saia agora!", gritou Popernack para Dennis Hall, que estava logo atrás dele, em um carro transportador elétrico.

Hall ouviu a advertência e tratou de afastar o veículo, dirigindo uns 60 metros, até o carro perder a força e morrer. Popernack conseguiu pular da máquina, mas o fluxo de água havia criado um violento rio laranja, isolando-o dos outros.

Em um espaço com pouco mais de 1,20 metro de altura e contando ape-

nas com a luz da lanterna dos capacetes para orientá-los, os mineiros do outro lado da torrente deram início a uma corrida desesperada para sair. Em meio à confusão, veio a primeira medida que salvaria vidas. Foy e Fogle gritaram para que Hall, que estava mais perto do telefone da mina, ligasse para a equipe que trabalhava no lado sul.

Hall apertou o botão do intercomunicador. Ninguém respondeu. Ele insistiu e, por fim, ouviu uma voz. Era o mineiro que ficava de plantão na superfície. Hall lhe contava o que tinha acontecido quando um homem da segunda equipe pegou o telefone. Então, Hall gritou: “Saíam depressa! Tem muita água!”

A notícia se espalhou rápido pela segunda equipe. “Parem tudo”, berrou alguém. “Vamos dar o fora!”

Cinco mineiros do lado sul entraram no vagonete e começaram a sair do túnel, apanhando um sexto homem no caminho. Outros dois se encontravam pouco à frente. O nono trabalhador já estava na saída da seção.

Logo a água alcançava as laterais dos veículos, e os homens tiveram de abandoná-los. Fugiram a pé para outro corredor, mas, quando chegaram a um dos túneis de entrada, uma corrente fria e veloz veio ao seu encontro.

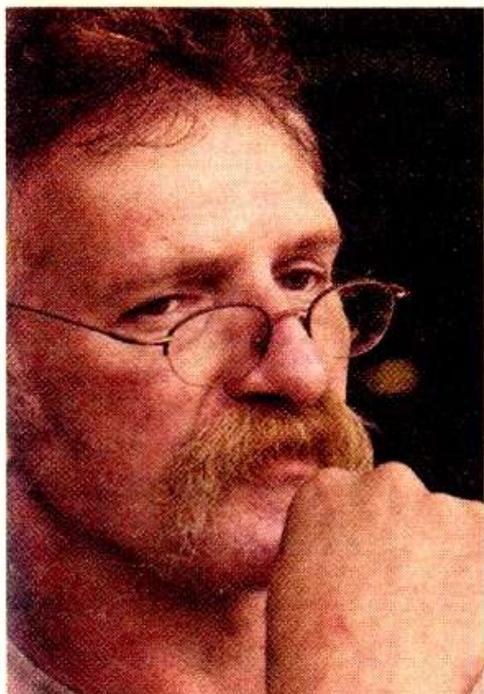
A corrente, com cerca de seis metros de largura, não tinha muito mais do que 60 centímetros de altura. Entretanto, como os homens caminhavam agachados por um túnel de 1,20 metro de altura, a água batia-lhes no peito. Precisavam atravessá-la – ou seria morte certa. Uma vez do outro lado, começaram a subir para chegar à superfície da terra, num percurso de 45 minutos. Lá fora, avisaram o mineiro de plantão e dispensaram os cuidados médicos. Olhavam para trás na esperança de ver luzes ou qualquer sinal da outra equipe. Mas não havia nada.

“ESTAMOS EM APUROS”

Mark Popernack gritou para os outros que salvassem a própria pele. Imaginou que provavelmente morreria ali sozinho.

Os oito se dirigiram até a entrada, onde a correia transportadora levava o carvão extraído para fora do poço. Rezavam para que aquela fosse uma saída possível. Avançando pelo corredor, seguravam-se na correia para não cair na água turbulenta. Agachados, corriam o mais rápido que podiam. No entanto, nessa posição, a água, agora com 90 centímetros de altura, chegava-lhes ao pescoço.

Os homens subiram na correia transportadora, que estava parada, pois a água cortara a energia. Hall não conseguiu. Então Fogle o pegou pelo macacão e o puxou para cima. Os homens avançavam sobre o carvão na correia, caindo, machucando os dedos e vendo o nível da água subir.



Dennis Hall, um dos heróis, diz apenas: "Eu tinha de fazer aquela ligação."

Os dois mais jovens, John Phillippi e Blaine Mayhugh, lideraram a difícil caminhada sobre a correia por cerca de 600 metros. Quando olharam para a frente, a luz da lanterna dos capacetes iluminou seu pior temor: 30 metros adiante, a água chegava ao teto. A torrente havia sido mais rápida e estava prestes a alcançá-los.

Os dois jovens mineiros gritaram para os companheiros que invertessem o rumo. Thomas Foy virou-se para o genro, Mayhugh, e disse:

- Estamos em apuros.

- Eu sei - respondeu Mayhugh. - E sou novo demais para morrer. Tenho dois filhos pequenos. Isso não é maneira de acabarmos.

Com água até o queixo, os homens tinham de esticar o pescoço a fim de manter o rosto acima da

água. De vez em quando, dobravam uma galeria transversal, mas sempre encontravam água. Fogle usou o martelo de pedreiro para tentar quebrar uma parede de cimento e entrar em outro corredor, possivelmente uma saída. Bateu o mais forte que pôde, depois Phillippi e Mayhugh tentaram, mas outra vez o nível da água começou a ultrapassar-lhes a cabeça, e os mineiros tiveram de continuar andando, à procura de áreas mais elevadas.

Ainda só, Mark Popernack passou uma mangueira sob os braços, à maneira de um arnês, para ficar suspenso, imaginando que talvez pudesse prender ganchos às mãos e de alguma forma atravessar o rio agitado, firmando-se nos parafusos do teto. Estava desesperado. De repente, viu uma luz. Era a lanterna do capacete de Phillippi, do outro lado da água.

- Venham me apanhar aqui! - gritou Popernack.

- Não dá - disse Fogle. - A corrente está forte demais. Vamos ter de esperar que diminua.

A água acabou enfraquecendo o suficiente para que Fogle empurrasse a concha da pá carregadeira sobre o rio de seis metros de largura.

– Fogle, cuidado – advertiu Hall. – Se a água levar a concha, já era. Mantendo-a acima da água revolta, Fogle gritou:

– Pule!

E Popernack saltou para dentro da concha. Fogle trouxe a máquina de volta e os nove mineiros estavam novamente juntos.

COMEÇA O RESGATE

Dave Rebuck, proprietário da empresa Black Wolf Coal Co., que explora a Quecreek, estava se preparando para dormir na noite de quarta-feira quando a mulher lhe passou o telefone. Era o rapaz que ficava de plantão na mina. Algo tinha dado errado. Uma parede fendida. A mina alagada. Homens possivelmente presos lá embaixo.

Rebuck telefonou para autoridades federais e estaduais, ativando um exército de profissionais de emergência. Engenheiros de minas se dirigiram à Quecreek para o salvamento. Às 21h53, o atendimento de emergência do Condado de Somerset recebia um telefonema pedindo uma ambulância na mina.

A função de telefonar para as famílias coube ao policial estadual Robert Barnes Jr. Ele foi breve e objetivo. Havia acontecido um acidente na mina, informou. “Gostaríamos que sua família viesse ao posto do corpo de bombeiros de Sipesville, onde daremos mais informações.” Ele queria as famílias isoladas no posto porque sabia que a polícia restringiria o acesso à mina, poupando os parentes dos mineiros do assédio da mídia. Também achava que as famílias poderiam dar força umas às outras.

Joseph Beer, pastor da Igreja Unida de Cristo de Mount Laurel, foi o primeiro a chegar ao posto. Ficou sozinho no prédio centenário até as famílias começarem a surgir. Pareciam todos em estado de choque, mas perguntas não faltavam.

Nessas primeiras horas de desespero, nenhum dos peritos podia responder à pergunta essencial: se os homens haviam sobrevivido à corrente violenta de água e achado refúgio na mina. À medida que as horas se transformaram em dias, muitos perderam a calma e explodiram, frustrados. Susan Unger, mulher de John Unger, jamais se deixou abater. Ela sofre de esclerose múltipla e se movimentava pela sala com a ajuda de um andador, mas irradiava otimismo. “Eu sei que eles vão sair de lá”, dizia aos outros. Sua determinação transmitia confiança. Era preciso acreditar.

Dave Rebeck montou um centro de comando a 200 metros da entrada da mina, onde havia espaço para abrir mapas que mostravam o labirinto de 5.500 metros quadrados. Depois de usar o bom senso para restringir as possibilidades, os especialistas se basearam em satélites de posicionamento global a fim de encontrar o local para onde os mineiros teriam ido.

John Usorek, especialista em ventilação de minas, disse que deveria haver um bolsão de ar na mina. Ele sugeriu que bombeassem ar comprimido através de um furo de sondagem para aumentar o bolsão de ar e

impedir que o nível da água se elevasse. Era uma idéia que jamais havia sido testada – e havia quem duvidasse dela –, mas alguns achavam que valia a pena tentar.

Primeiro perfurariam um túnel que conduziria o equipamento de comunicação até lá embaixo. O ar comprimido usado na perfuração, que talvez chegasse a 38° C, também poderia afetar a água fria, cuja temperatura estimada era de 13° C. A equipe de resgate temia que os homens estivessem com água na altura do peito, o que poderia baixar a temperatura do corpo a níveis perigosos e provocar hipotermia.

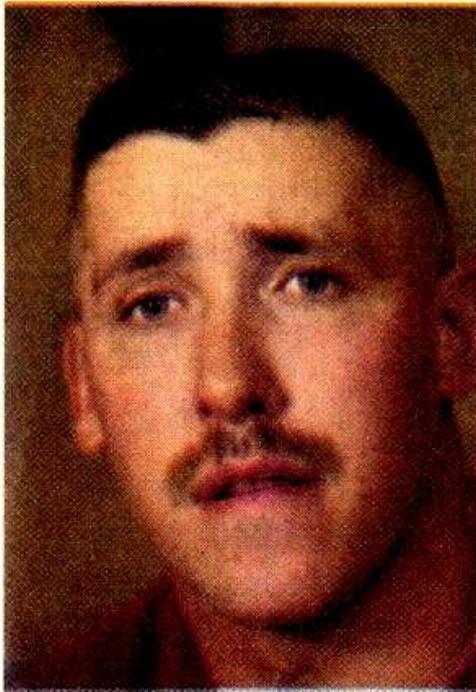
Além de levar calor e oxigênio aos mineiros, a equipe abriria outros furos a fim de bombear água para fora da mina. Os homens da Black Wolf Co.

começaram a acordar todos aqueles que pudessem ter bombas e perfuratrizes para emprestar.

A difícil tarefa de abrir a passagem de ar começou por volta das 2h50 de quinta-feira, seis horas depois da ruptura da parede. Os três homens da equipe de perfuração conseguiram atingir o poço da mina mais de duas horas depois – quase nada se considerado que foram removidos mais de 70 metros de terra e pedra.

Depois de introduzir o tubo de ar na mina, a equipe deu batidas no metal. Minutos se passaram antes de sentirem nove pancadas no tubo. Seria possível? Seriam aquelas pancadas, às 5h06, sinal de que os nove estavam vivos?

As esperanças se reacenderam. Talvez, quem sabe, os nove homens



Blaine Mayhugh encarou a morte: "Pensamos que haviam desistido de nós."

tivessem sobrevivido. Bombeiros voluntários vedaram o furo em torno do tubo do compressor com sacos de borracha. Então, o operador da perfuratriz ligou o compressor de ar do aparelho.

Em seguida, a equipe teve a idéia de, com uma “superperfuratriz”, abrir um túnel para a saída dos mineiros. Com uma broca de 680 quilos, a perfuratriz poderia cortar a terra dura e abrir um túnel largo o bastante para a passagem dos homens. No entanto, precisariam de várias horas para transportar a perfuratriz até o local. E a maioria dos membros da equipe nunca vira um aparelho daqueles.

PREPARADOS PARA O PIOR

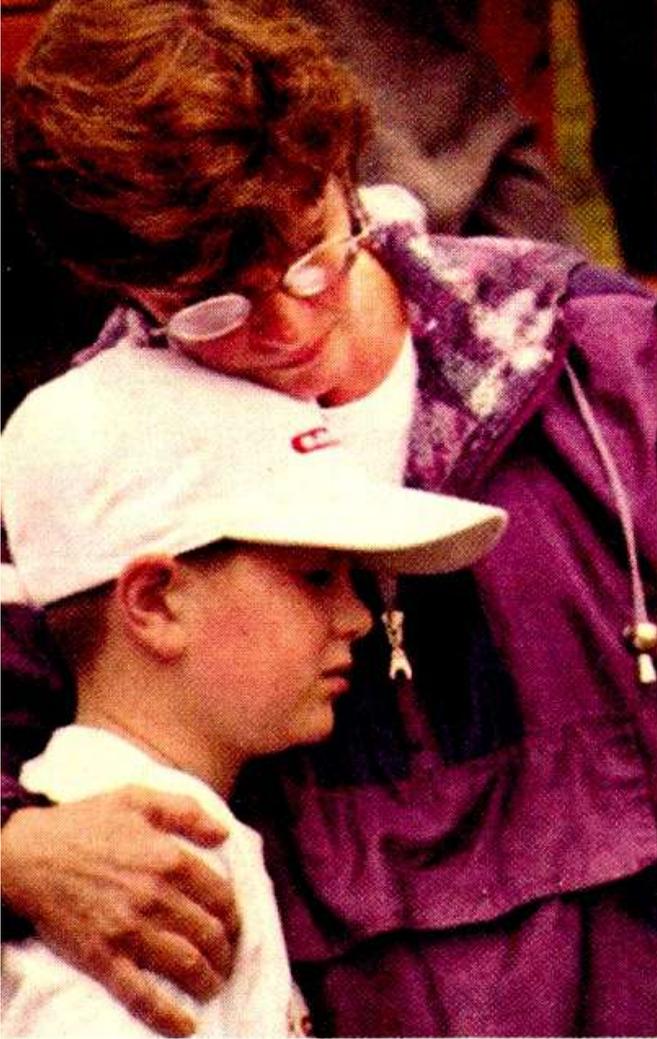
Durante as primeiras horas da manhã, os mineiros tentaram usar blocos de cimento para impedir que a água entrasse no bolsão de ar, de 5 metros por 20 metros. Era um trabalho difícil, principalmente porque estavam respirando ar com pouco oxigênio. “Sou só eu?”, perguntou Mayhugh. “Não estou conseguindo respirar.” Todos sentiam dificuldade, alguns já nem conseguiam trabalhar.

Mas os ânimos melhoraram quando a perfuratriz de 15 centímetros surgiu na entrada, perto da correia transportadora. O barulho do ar comprimido feriu-lhes os ouvidos e quase os deixou surdos. Mas os homens agüentaram o mal-estar: o tubo significava que as equipes de resgate sabiam onde eles estavam.

Apesar do calor e do ar que vinha de cima, aos poucos a água malcheirosa subiu, cobrindo a passagem de ar. Eles começaram a bater no teto de pedra – nove pancadas a cada dez minutos –, na esperança de que alguém com equipamento especial de escuta pudesse ouvi-los.

Ao meio-dia de quinta-feira, os mineiros haviam construído paredes de bloco de cimento, mas a água conseguiu ultrapassá-las, forçando os homens a recuar para um lugar mais elevado, a cerca de 90 metros da passagem de ar, e se limitar a observar o nível da água subir.

Randy Fogle falou sem rodeios: em uma hora, estimava ele, todos estariam mortos. Houve silêncio. Houve lágrimas. Houve preces caladas. Mayhugh perguntou se alguém tinha caneta e escreveu um bilhete em papelão para a mulher e os filhos, dizendo que os amava. Pôs o bilhete num balde de plástico branco e ofereceu a caneta aos outros. Cada homem escreveu sua despedida para a família. Os nove bilhetes foram



Os mineiros temiam o sofrimento das famílias com o seu pesadelo subterrâneo.

Com o espírito, a mente e o corpo extenuados, os homens se acomodaram numa área de 5 metros por 9 metros para aguardar seu destino. Uma hora se passou. Ainda estavam vivos. O que acontecera com a água? Talvez houvesse interrompido seu avanço implacável...

Não mais resignados à inevitabilidade da morte, os homens seguiram as ordens de Fogle e voltaram a cooperar com o resgate. Continuaram a bater no teto e desligaram a lanterna dos capacetes para economizar energia. A cada dez minutos, um ou dois deles acendiam a luz para conferir o nível da água.

A escuridão era inimiga, a temperatura também. Para enfrentar o frio, os homens, agora totalmente encharcados, cobriam-se com lonas encontradas no local. Sentavam-se de costas um para o outro a fim de aumentar o calor ou deitavam-se no chão, fazendo um "sanduíche" com os companheiros que tinham calafrios. O chefe da equipe, Randy Fogle, animou-se. Quando alguém dizia "Vamos morrer", Fogle contestava.

"Nada disso!", exclamava ele. "Vamos sair daqui de algum jeito!"

Sua determinação dava forças a todo o grupo. No entanto, quando ele começou a tossir, vomitar e reclamar de dores no peito, os homens entraram em pânico. Fogle dizia que eram apenas os vapores de óleo do ar comprimido piorando sua azia. Os outros não estavam tão certos disso.

Durante longos períodos, os homens ficavam deitados em silêncio na escuridão, sussurrando orações para si mesmos. Quando conversavam, falavam sobre o que fariam quando saíssem: reunir a família, disse um, ou saborear seus pratos preferidos – um bom bife, costeletas. Popernack perguntou aos colegas o que escolheriam, se pudessem: cigarro, cerveja ou chocolate quente. O chocolate quente ganhou.

Olhavam a escuridão havia tanto tempo, que Pugh começou a achar que estava enxergando seu pé no breu absoluto. Hileman jurou que também conseguia ver o próprio pé. Os outros disseram que os dois estavam malucos. “Consigo ver até um céu cheio de estrelas e uma cidadezinha com casas e árvores”, disse Pugh.

Algum tempo depois, acharam a marmita de Hall boiando à distância de 30 metros de onde estavam. Dentro dela, um sanduíche ainda seco e uma garrafa de Pepsi. Cada homem deu uma mordida no sanduíche, à exceção de Mayhugh, que achou que um pedacinho não seria suficiente para pôr fim a seu anseio por comida, e Unger, que temia vomitar de nervosismo.

MAIS CONTRATEMPOS

A superperfuratriz chegou ao local desmontada, com escolta policial, ao som de sirenes. Rapidamente instalada, começou a dilacerar a terra às 19 horas de quinta-feira.

A essa altura, o governador da Pensilvânia, Mark Schweiker, que já estava ali, calculou que o túnel de saída ficaria pronto até as 3 ou 4 horas da manhã do dia seguinte. Depois disso, a equipe poderia levar mais umas quatro horas para retirar a perfuratriz e descer a cápsula de resgate pelo buraco de 80 centímetros de diâmetro.

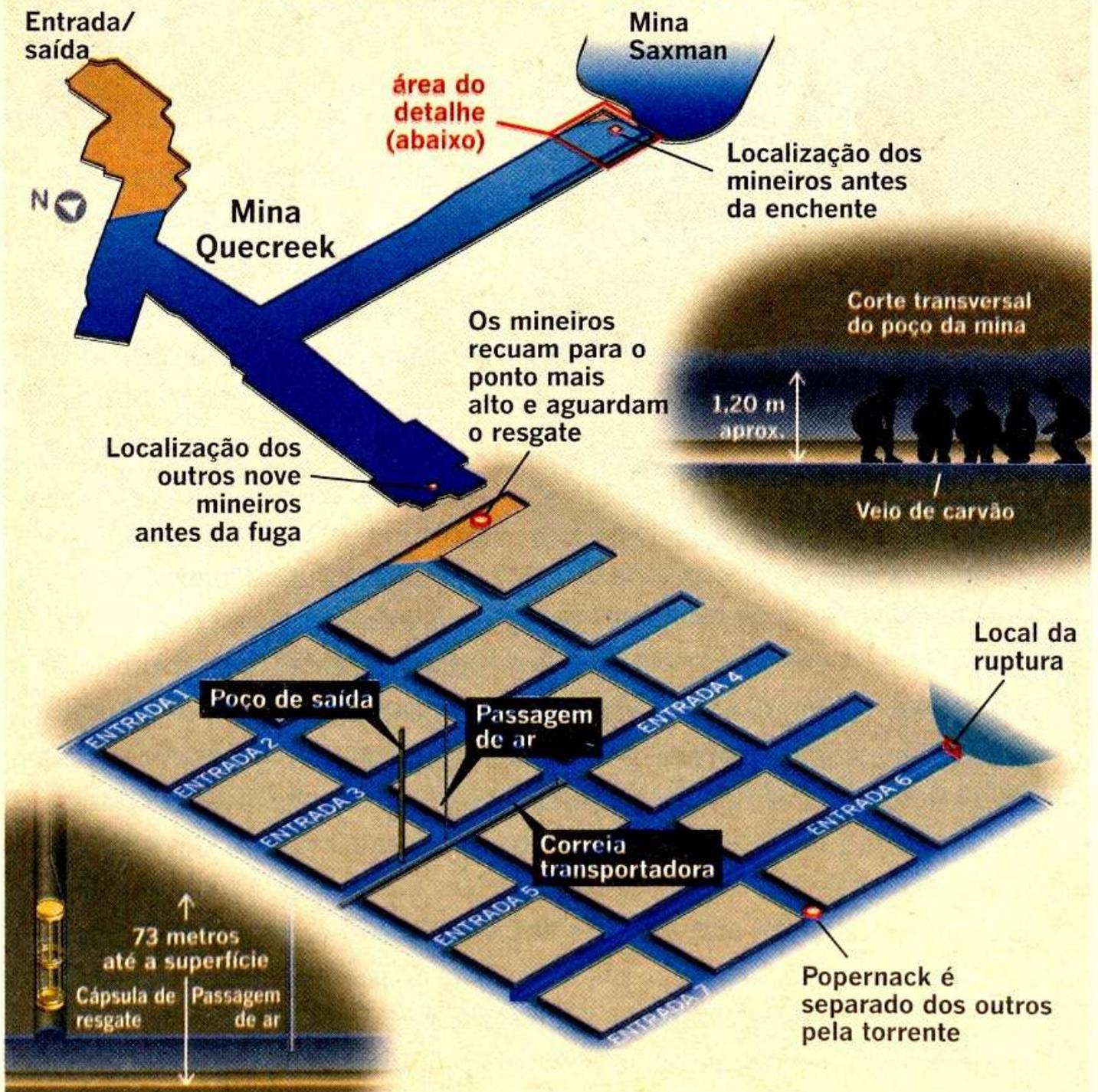
Muitos problemas ainda poderiam acontecer. Se a broca da perfuratriz furasse o teto rápido demais, o ar pressurizado na mina poderia subir, fazendo a água encher o bolsão de ar e cobrir os mineiros. Para impedir a queda de pressão, os engenheiros criaram uma câmara de compressão para colocar sobre o túnel de saída – um tubo de 12 metros de compri-

mento e 90 centímetros de diâmetro com uma porta corredeira no fundo. Isso não deixaria o ar vazar quando a cápsula de escape fosse baixada até os mineiros.

Enquanto isso, nenhuma nova batida no tubo fora detectada desde as 11h30 de quinta-feira. A equipe de resgate esperava que os homens ainda estivessem vivos e batendo no metal. Com o som das perfuratrizes, bombas e pessoas gritando, as batidas podiam facilmente ser abafadas pelo barulho da superfície.

Todas as esperanças se voltavam para a superperfuratriz, que rapida-

PROCURANDO A SAÍDA

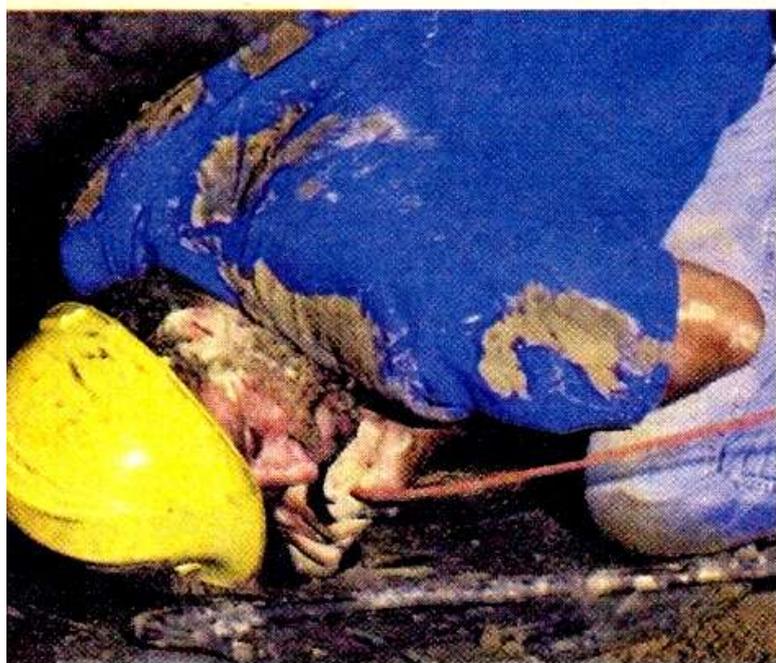


mente abriria caminho até os mineiros. Antes de o sol nascer, o governador anunciou: “Estamos quase lá. Vamos tirar nossos homens daí.”

Mas outro infortúnio se avizinhava.

Por volta de 1h50 de sexta-feira, quando milhões de americanos rezavam pelos mineiros, a broca da superperfuratriz quebrou. Estava a 30 metros da superfície e teria de ser içada para que a perfuração continuasse. O trabalho no túnel cessou. Houve muitos momentos difíceis para as famílias reunidas no posto do corpo de bombeiros, mas aquele foi o pior.

Mary Unger, 87 anos, cujo filho, John, estava entre os mineiros presos, disse o que muitos pensavam. “É horrível a espera. Parece que tudo está dando errado.” Os mineiros escutavam a perfuratriz se aproximar, o que lhes mantinha viva a esperança. De repente, porém, o ruído parou. *Meu*



Um membro da equipe de resgate ouve com um cabo de microfone os mineiros.

Deus, pensou Hall, *não permita que pensem que estamos mortos e desistam.*

“Deve ter havido um problema”, disse Fogle. “Talvez uma peça tenha quebrado.” Logo, ele tranqüilizou os homens, a perfuração recomeçaria.

Enquanto um grupo tentava retirar a superperfuratriz e colocá-la para funcionar, uma segunda perfuratriz, montada a 25 metros da primeira, começava a furar a terra. Ela, porém, também acabaria quebrando.

Ao se darem conta da necessidade de um “instrumento de pesca” feito sob medida para içar a broca quebrada, as equipes recorreram a uma metalúrgica em Big Run, Pensilvânia. Desenhos da perfuratriz foram enviados por fax à empresa; 95 mecânicos e soldadores pararam tudo que estavam fazendo.

“Quando telefonaram dizendo que um helicóptero da Guarda Nacional estaria esperando para levar a peça quando ficasse pronta, sentimos o grau de urgência”, disse o gerente da metalúrgica. Um trabalho que normalmente levaria de três a quatro dias foi concluído em quatro horas.



Por volta das 16 horas de sexta-feira, a ferramenta sob medida se apoderava da broca de 680 quilos e a arrancava do buraco. Depois de 18 horas de paralisação, o túnel de resgate voltava à atividade. As esperanças haviam sido recuperadas, e a alegria ressoou no posto do corpo de bombeiros.

O resgate sofre um atraso de 18 horas, enquanto os homens lutam para recuperar a broca de 680 quilos.

"OS NOVE ESTÃO AQUI!"

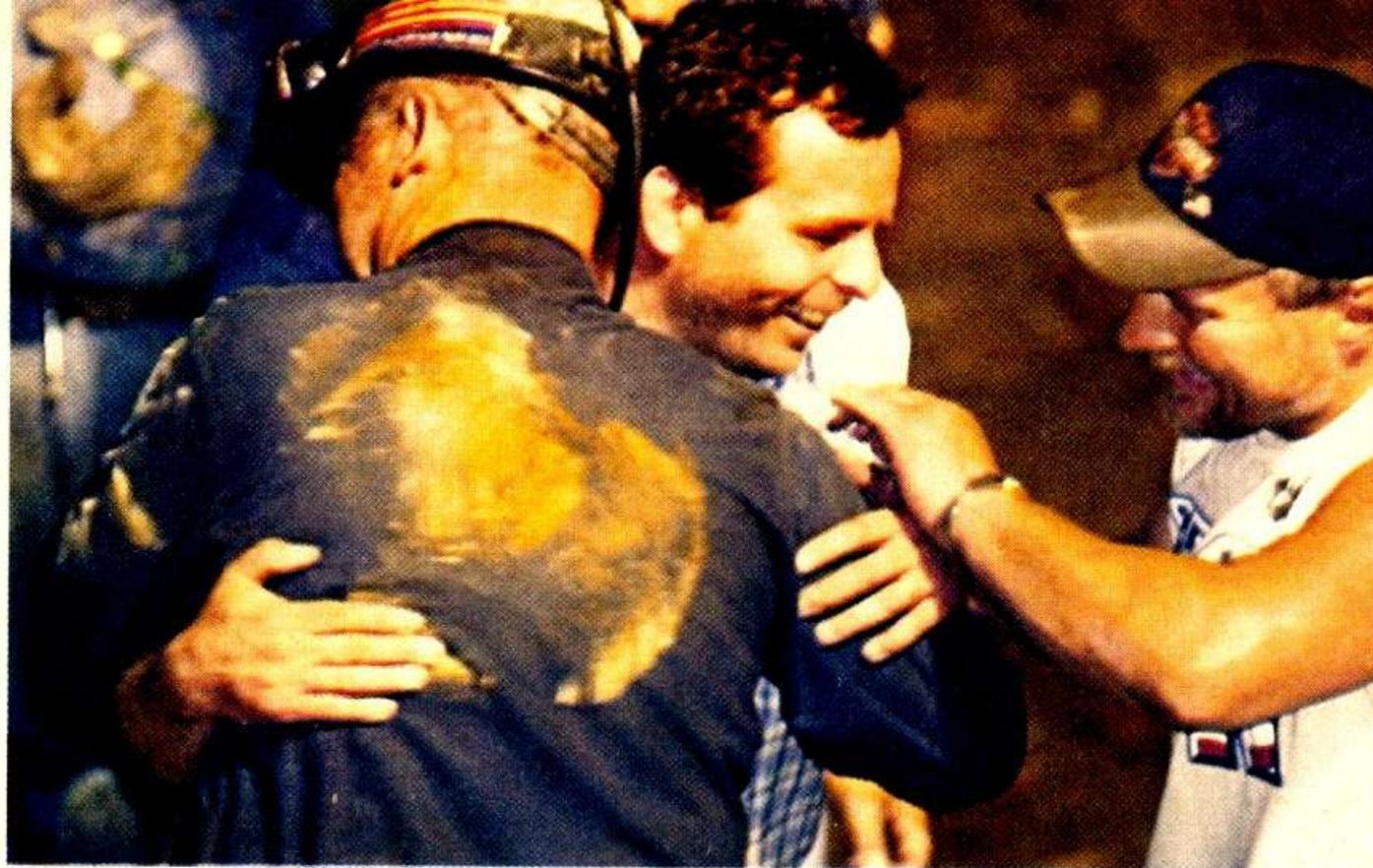
No fim da noite de sábado, a perfuratriz chegou enfim ao lugar em que se encontravam os mineiros. O poço de saída estava pronto.

Lá embaixo, os homens se revezavam a cada dez ou 15 minutos para procurar o local de onde vinha o barulho da perfuração. Às 22h15, foi a vez de Hileman e Foy. A bateria das lanternas estava prestes a acabar quando encontraram a abertura da perfuratriz.

Os outros mineiros estavam deitados quando Hileman retornou. "Achamos o furo!", exclamou. "Vamos todos para lá!"

Não foi preciso chamar uma segunda vez. Os homens correram em direção à entrada e começaram a gritar: "Tirem-nos daqui! Socorro! Por favor, tirem-nos daqui!"

Na superfície, a equipe de resgate conferiu a pressão e viu que era zero, indicando que estava normal: a câmara de compressão não seria necessá-



A amizade entre os mineiros foi fortalecida por circunstâncias extraordinárias e por sua vontade de viver.

ria. Então, ouviram as pancadas. Não se contiveram de alegria. Fizeram gestos de vitória. Os homens desceram uma sonda com alto-falante e microfone pelo tubo de ar. Um objeto fosforescente seguia preso à ponta.

Depois que a sonda desceu 20 metros, um membro da equipe de resgate começou a perguntar: “Podem me ouvir?” Claramente, ouviu alguém responder: “Podemos”. Era o mineiro John Phillippi falando ao microfone. Para o membro da equipe de resgate, aquela voz era como Deus respondendo a uma oração.

- Vocês são os mineiros que ficaram presos?
- Somos.
- Estão todos bem?
- Estamos, mas nosso chefe está com dor no peito.
- Quantos estão aí?
- Todos os nove - foi a resposta.

O membro da equipe de resgate ergueu nove dedos. A notícia se espalhou e iniciaram-se as comemorações. Dave Rebeck e um de seus empregados entraram numa viatura policial e correram para o posto do corpo de bombeiros, onde se encontraram com o governador Schweiker. A expressão deles já dizia tudo. Os nove estavam vivos, todos eles bem.

A sala ecoou com vivas, aplausos e gritos de “O Senhor seja louvado!”

O filho do mineiro John Unger, Stephen, nunca vira pessoas tão comovidas. Denise Foy, mulher de Thomas Foy, tentava não mostrar o que sentia. Quando não conseguia segurar as lágrimas, as filhas também choravam – principalmente Leslie, mulher de Mayhugh. Quando vieram as boas novas, Denise limitou-se a abraçar forte a filha.

Dave Rebeck mandou um recado para Dennis Hall. “Você é um herói”, disse ele. “Seu telefonema salvou os outros nove homens da ala sul.” Hall, que durante 77 horas não tinha conhecimento do destino dos outros mineiros, chorou ao saber da notícia.

Chegou então a hora de descer a cápsula amarela com uma tela de metal, de 2,70 metros de altura e lâmpadas presas na parte inferior. Na primeira viagem, levou lanternas, barras de chocolate, cobertores, capas de chuva e água potável para apaziguar todas as vontades.

Randy Fogle, que havia sentido dores no peito, foi o primeiro a entrar na cápsula de 60 centímetros de diâmetro. Chegou à superfície à 0h50. Assim como os outros que ainda viriam, o branco dos olhos brilhava no rosto escurecido pelo pó de carvão.

Mayhugh foi o segundo. Quando a água subterrânea do furo começou a pingar nele, o mineiro não agüentou mais. “Tirem-me daqui agora! Vamos!”, gritou. A cerca de um metro da superfície, pôde ver as luzes e ouvir os aplausos. O coração disparou e ele cedeu à emoção.

Thomas Foy o seguiu. Unger, Phillippi, Hileman, Hall e Pugh subiram nessa ordem. Mark Popernack foi o último a sair, às 2h44.

DE VOLTA À ROTINA

Um médico examinou os homens. As roupas foram cortadas e usaram produtos especiais para tirar da pele o óleo do compressor e o pó de carvão. Enfermeiros os colocaram no soro para repor líquido, e os homens foram encaminhados a dois hospitais. Os mineiros sorriam, alertas e falantes. Também tremiam. Os dedos, os pés e a parte inferior das pernas estavam roxos e manchados pelo contato prolongado com a água.

Nos hospitais, os homens encontraram suas famílias. Robert Pugh estava prostrado na sala de traumatismos do hospital, quando os parentes chegaram.

“Só chorei duas vezes na vida: quando meu filho nasceu e ali, naquele dia”, lembra ele.

Denise Foy disse que, quando enfim viu o marido, Thomas, ele apenas pegou-lhe a mão e a beijou.

Seis mineiros deixaram o hospital no domingo. Fogle e Foy permaneceram mais um dia para fazer exames cardíacos. No caso de Foy, era alarme falso, causado por problemas gástricos. John Unger, que reclamava de dor no ombro direito, passou seis horas numa câmara hiperbárica para deixar todo o gás nitrogênio se dissipar sem nenhum dano.

Como o mundo estava ansioso para saber de que modo os mineiros haviam se virado durante as 77 horas que ficaram debaixo da terra, várias entrevistas coletivas foram marcadas. “Vim aqui hoje agradecer a todos”, disse John Unger num desses encontros, expressando o sentimento dos outros mineiros.

Eles concordavam em mais um ponto: o enlameado balde branco com bilhetes às famílias jamais seria aberto.

Mesmo com toda a confusão à sua volta, os homens mantiveram um senso de normalidade.

Às 12h55 de domingo, o governador Schweiker entrou no quarto do hospital onde Thomas Foy estava internado. “Podemos ser rápidos?”, perguntou Foy. “A corrida da Nascar começa em cinco minutos.”

COMPANHEIRISMO

Minha amiga Sally Ann engordou muito durante a gravidez e não conseguia emagrecer. Um dia, o marido, George, convenceu-a a ir à praia.

- Fiquei ali sentada, cheia de estrias e celulites - contou-me ela -, segurando o bebê no colo para esconder a barriga. Então apareceu uma menina maravilhosa, de uns 14 anos, vestindo um biquíni minúsculo. E comecei a chorar.

- Ora, Sally Ann... - comecei.

- George perguntou qual era o problema - continuou ela - e eu disse: “Olhe aquela adolescente linda. Meu corpo nunca mais vai ser daquele jeito.” Ele se virou, espiou a menina e, mais uma vez mostrando o homem especial que é, segurou minha mão e a beijou. Então, disse: “Quer saber a verdade? Nem o dela.”



PEGGY VINCENT, EUA